

VIII

ENCRUZILHADA NEGRA: ENCONTROS, EXPERIÊNCIAS E EMPODERAMENTO*

*Laira Paloma Santos Nascimento
Edson José Wartha*

Introdução

Eu, Edson, como coautor deste relato, tenho apenas a dizer que meu papel nas encruzilhadas de Laira foi o de apenas apontar uma direção. Todas as escolhas, os caminhos trilhados são única e exclusivamente das reflexões que Laira fez quando propus a ela e aos demais estudantes do curso de Licenciatura em Química a leitura de duas obras, de duas escritoras negras e mulheres. São elas: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo com suas respectivas obras: Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada e Becos da Memória. Bem, a partir desse momento, Laira inicia seu caminhar.

Para mim, Laira, Encruzilhar a vida é falar sobre minha trajetória e trajetórias da minha família. Trajetória marcada por anseios, sonhos, expectativas e realidades duras, muitas vezes cruéis. Marcada pela falta de oportunidades, marcada pela falta de ter seus direitos respeitados, marcada pelo preconceito e, marcada principalmente pela falta de esperança. Encruzilhar a vida, também significa falar do autopreconceito. É um sentimento velado, no qual criamos mecanismos de defesa e de negação de quem somos, de onde viemos e de nosso povo. Sentir vergonha de quem somos, nos negar o direito de sermos, de sonharmos, de lutarmos e de termos esperança. Encruzilhar a vida é refletir sobre nossos caminhos, nossas escolhas, de pessoas que cruzam, que marcam e àquelas que acima de tudo não nos deixaram perder a esperança.

Nelson Mandela já dizia que a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo. E aqui não se pode acreditar apenas na educação dada na escola, mas também àquela destinada à família. Destaco aqueles pais, mães que se esforçam para dar a seus filhos o afeto e a atenção necessária, e os conhecimentos que precisam para serem pessoas com princípios e valores que os fazem assumir os desafios

*DOI – 10.29388/978-65-81417-68-0-f.141-156

da vida com responsabilidade. Porém, isso só acontecerá se tiverem um bom desenvolvimento pessoal, com o apoio efetivo dos pais. Educar verdadeiramente é não deixar que os filhos cruzem a “linha vermelha”. Falar das minhas encruzilhadas é falar no poder da fala das pessoas que me acompanham desde que eu era criança. Eu sempre ouvia a seguinte frase, tanto de minha mãe, como de meus avôs: “acredite no poder da educação”. Deve ser difícil desejar para os filhos tudo aquilo que nunca se teve – e rezar dia e noite para que a miséria não volte a bater à porta de casa. Assim, Encruzilhada Negra é um pequeno diário das fases da minha vida, mulher, negra, pobre e favelada, que hoje se encontra na Universidade Federal de Sergipe fazendo um curso de Licenciatura em Química. Não apenas fazendo formação para a docência, mas também engajada em um processo de (re)construção da vida acadêmica pela identidade, representatividade, diversidade e afetividade.

Minha vida sempre foi marcada pela existência e resistência. Quebrar correntes que me prendem a determinadas situações, correntes que me foram impostas pelo simples fato de ser mulher, negra e pobre. Não é novidade para ninguém que o desemprego e a exclusão do mercado de trabalho atingem, principalmente, pessoas negras. Abordar aqueles que socialmente são constituídos como pobres e negros é penetrar num universo de dimensões insuspeitadas. Universo marcado pela subalternidade, pela revolta silenciosa, pela humilhação e fadiga, pela crença na felicidade das gerações futuras, pela alienação e resistência e, sobretudo pelas estratégias para melhor sobreviver, apesar de tudo. Destaco aqui que tanto a dominação e a subalternidade fazem parte dessa pobreza e, por isso a necessidade de romper estes grilhões.

Desde cedo tenho a consciência de que não adianta esperar pelo libertador, aquele que viesse a romper com os elos das correntes que me prendem, me asfixiam e que não me permitem a esperança. Tenho a convicção de que romper os elos das correntes que me aprisionam é tarefa minha. Posso afirmar que alguns desses elos começaram a se romper quando percebi que as mulheres negras não nasceram para perpetuar a imagem da "mãe preta", fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. São combinações de discriminações que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação do racismo e do machismo.

Meu primeiro elo se rompe, enquanto estudante universitária, tive que fazer escolhas. Muitas dessas escolhas são difíceis e decisivas, como por exemplo, não abandonar o curso. Abandonar devido à falta de acolhimento, devido ao esquecimento e da invisibilidade no curso. Pela falta de condições, pela necessidade de sobreviver e pela dificuldade de dedicação aos estudos vieram muitas reprovações e pouco engajamento nas atividades. Destaco que foi pelo cruzamento das falas entre alguns professores e professoras que fui percebendo sinais de esperança para permanecer na universidade e, foi pela engenhosidade da ousadia de ir ao encontro do outro e pedir ajuda que vivi novas experiências, algumas boas e outras nem tanto, mas que foram importantes, pois me fizeram refletir e ir me reencontrando.

Cada dia vivendo uma epifania, aprendendo não mais sozinha a produzir escrevivência, mas com a voz da ancestralidade empoderada por mulheres, mulheres negras que com seus escritos e vivências ensinam-me a entender que todo lugar que observo e escuto, que vivo e ando, que canto e danço, que toco e sinto é meu lugar de fala. Aqui trago a fala de Oliveira Silveira em sua obra *“Roteiro dos Tantãs” em que diz:*

Encontrei minhas origens/em velhos arquivos/[...] livros encontrei/em malditos objetos/troncos e grilhetas encontrei/em doces palavras/[...] cantos/em furiosos tambores/[...] ritos encontrei minhas origens/na cor de minha pele/nos lanhos de minha alma em mim/em minha gente escura/em meus heróis altivos/encontrei. (OLIVEIRA SILVEIRA, 1981, p. 136)

O "encontro com as origens" é o que me fortaleceu, principalmente na compreensão sobre as possibilidades de incidência das questões de gênero e raça mesmo em um curso de licenciatura em química. Afinal serei uma professora, mulher e negra.

Encruzilhada das escolhas

Muitas das minhas escolhas, foram escolhas de meus pais. Escolhas que fizeram pela educação, por tentar me proporcionar oportunidades que somente através dos estudos é que poderia alcançar. Foi do Povoado Alto da Colina, município de São Cristóvão, que passei pelas primeiras escolas. Ao mesmo tempo que estudava nestas escolas eu morava em uma casa de taipa por mais de 13 anos. Mesmo morando em uma casa de taipa, me foi permitido brincar em um quintal, a subir em

árvores e ajudar meus pais a cultivarem a terra no qual podíamos tirar alguma comida como milho, batata-doce, macaxeira, amendoim, feijão de corda e nas épocas das frutas tudo era partilhado com vizinhos e familiares. E foi assim que estudava e brincava entre as plantações, a floresta e as nascentes de água. Entretanto, pelo fato de não ser o dono da terra e de estar à mercê da busca pela sobrevivência a migração para outras regiões e cidades eram muito comuns.

Nessa primeira migração, chegamos ao município de Barra dos Coqueiros para buscar melhores oportunidades. Nesta época já estava com 10 anos e meu irmão 9 anos. Não foi fácil se adaptar à nova cidade, diferente do campo, agora convivemos com paredes e ruas. Cidades tornaram-se pólos centralizadores da violência, das drogas, dos hábitos tóxicos e da fraqueza moral. Sim, ainda há excelentes escolas, tecnologia e muito mais, mas são situações com as quais não há escolhas, apenas qual a melhor forma de se adaptar e continuar a luta pela sobrevivência. Sei que mudar de cidade é uma oportunidade de mudar de hábitos, ampliar os horizontes, buscar novas perspectivas. No entanto, a pobreza é limitadora de grande parte dessas expectativas. Também, o fato de ser mulher e negra é muito limitador.

A esperança de melhores condições de vida, de ter um emprego, uma casa própria, uma vida melhor e maiores oportunidades de estudos não se tornaram realidade. Meu não conseguia trabalho fixo e os “bicos”, esses serviços temporários ficavam cada vez mais escassos. Sem emprego fixo, com aluguel para pagar, água, luz, alimentação também ficou escassa. Passamos a viver fazendo escolhas de moradias, pelo aluguel mais barato, fizemos um grande percurso, passamos por 3 casas e 5 vilas, cada casa e vila tenho a memória das necessidades, os perrengues, as lágrimas, a fome, as dificuldades para sobreviver.

Em meio às mudanças de vilas, meus pais tinham estratégias para o nosso futuro educacional. Já estavam vendo as possibilidades para estudar na Capital, só que no meu tempo conseguir vagas nas escolas estaduais era difícil, pois tinha que enfrentar enormes filas para tentar uma vaga. Cursei o Ensino Fundamental II completo na Escola Municipal Professora Creuza Gomes Santos. Foi desse espaço que me alimentei do saber e, muitas vezes, alimentei meu corpo, pois a fome teimava em bater à nossa porta. Recordo da fala da minha mãe - só tinha 0,25 centavos, vá na vizinha e compre aquele biscoito que vem com goiabada custava 0,15 centavos e um pacote de suco que custava 0,10 centavos; minha mãe fez o suco e dividiu o biscoito entre eu e meu irmão, e disse: quando chegar na escola coma bem o lanche, tente repetir

se puder, não vá para fila com cara de fome, disfarce, coma bem porque não sei se pela noite vai ter café. Essa é a cena que me encontro com a educação que me alimentou muitas vezes.

Chega o momento de ir para o Ensino Médio, teve uma divulgação na escola sobre um processo seletivo para a Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão, hoje Instituto Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão. Falei para meus pais sobre o processo seletivo, já que também analisava que estudar o ensino médio na minha cidade não ia proporcionar possibilidades. Uma professora de matemática pagou a taxa de inscrição, na época eram vinte reais, mas essa quantia eu não tinha. Eu estudei com incentivos dos vizinhos, amigos e passei em 2º lugar local para o IFS e com o curso de nível médio Técnica em Agropecuária consegui o estágio e o trabalho, agora só faltava a faculdade.

Meu percurso para UFS começou com o Processo Seletivo Simplificado (PSS) 2008 /2009 e PSS 2010, onde tentei engenharia ambiental. Quando a classificação geral do PSS 2010 saiu no telejornal eu vi a vitória não da escola pública, pois a mídia mostrava a vitória das escolas particulares, então eu entrei em crise de choro tão profunda e carregando perguntas... Por que eles têm oportunidades? Antes não tinha preparação para o vestibular do governo, era se vira! Ganhei cadernos de uns filhos das vizinhas de preparação para vestibular dessas escolas particulares, não eram assuntos que estudava na escola, com participação no ENEM, tentei entre Engenharia Ambiental e Química, ENEM 2011, 2012, 2013 e em 2014 consegui aprovação em Química Bacharelado. A escolha do curso teve peso devido ao trabalho não podia ser pela manhã, e a noite não tinha transporte escolar para minha cidade, só restou curso vespertino.

Encruzilhada dos encontros e experiências: *encontro com a UFS sem acolhimento*

Entrar na UFS eu esperava um abraço, uma acolhida, não foi isso não! Entrei na segunda lista do SISU, com vergonha por ser cotista, não sabia e não entendia das políticas de Ações Afirmativas, o que me fazia sentir-me inferior em aceitar que não conseguia ser dos primeiros, tão cansada de correr e quase morrer pelo estudo. E, por acaso a Universidade sabe dos sofrimentos meus e dos demais alunos? Sabe de modo geral, isso é normal, todo mundo passa por dificuldade, mas isso eu sei, tem uma parcela que passa dificuldade elevado a máxima potência

de carga das desigualdades sociais. A minha carteirinha estudantil, expressa na minha face os meus sentimentos: séria, triste, cansada.



Sem autoestima e afetividade, eu reprovei em todas as disciplinas. Olhem a grade e notem, só eu percebia que não avançava? Foi erro? Desculpas? Ou culpa porque não estudava e de prêmio não sabia que algumas disciplinas são requisitos para outras. Não avançava e sabendo da possibilidade de perder o vínculo e que ia ser jubilada, ter cabeça para começar tudo de novo, porque todo mundo sabe que fazer ENEM, ter nota boa não é fácil. E por que também é o aluno que tem que ir mais ao encontro do professor na sala, no horário agendado? Por que não um encontro, um laço acadêmico que seja desenvolvido e vinculado à vida estudantil? E porque aluna, você está reprovando tanto nas mesmas disciplinas? Eu responderia - porque estou tentando sobreviver devido à minha condição social, tenho que trabalhar e estudar.

Nas minhas costas há muitas preocupações, inseguranças e medos. Carreguei o trabalho de servidora pública comissionada para manter o teto, água, luz e a comida; Carreguei responsabilidades e preciso da universidade para garantir uma vida melhor, não apenas para mim, mas também para minha família; Carreguei as atividades para casa de meus amigos e nem podia dormir para não reprovar nas disciplinas; Carreguei para universidade o estômago vazio desde o ingressar até mudar de curso, pois se a aula era às 13h00 e o expediente do meu trabalho terminava às 13h00, professora que horas posso almoçar? Perder a aula, ou perder a comida do RESUN? Pedir uma dispensa para sair mais cedo do trabalho às 11h30 o coletivo passa e chega na UFS 12h50 mesmo assim o tempo não dava passei fome do almoço, sem

dinheiro para lanche que cabeça, e mente tinha voltado para estudar? Carreguei palavras de uns professores: -Vocês entraram na universidade pelo ENEM? Qual foi sua nota em matemática? Eu quero que a UFS seja privatizada. - Saí da aula aterrorizada! E a professora branca - a vida é assim se quiser estudar bem, tem que colocar a bundinha na cadeira ou senão faça outra coisa mais fácil, faça dança. É o aluno que tem que se cicatrizar as dificuldades educacionais?

UFS - SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades

LAIRA PALOMA S. NASCIMENTO *Alterar vínculo*
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA (11.21.06)

Semestre atual: 2020.2



• Os sistemas serão REINICIADOS às 00:48 para finalidade de reatualização pela compreensão.

PORTAL DO DISCENTE > TODAS AS TURMAS

[▶](#) : ACESSAR TURMA VIRTUAL

TODAS AS TURMAS VIRTUAIS (22)	
Disciplina	Turmas
2015.1	
CÁLCULO I (CONSOLIDADA)	(1)
ESTATÍSTICA BÁSICA APLICADA A QUÍMICA (CONSOLIDADA)	(1)
FUNDAMENTOS DE QUÍMICA (CONSOLIDADA)	(1)
FUNDAMENTOS DE QUÍMICA ORGÂNICA (CONSOLIDADA)	(1)
LABORATÓRIO DE QUÍMICA (CONSOLIDADA)	(1)
VETORES E GEOMETRIA ANALÍTICA (CONSOLIDADA)	(1)
2015.2	
FUNDAMENTOS DE QUÍMICA (CONSOLIDADA)	(1)
FUNDAMENTOS DE QUÍMICA ORGÂNICA (CONSOLIDADA)	(1)
LABORATÓRIO DE QUÍMICA (CONSOLIDADA)	(1)
2016.1	
CÁLCULO I (CONSOLIDADA)	(1)
FUNDAMENTOS DE QUÍMICA (CONSOLIDADA)	(1)
VETORES E GEOMETRIA ANALÍTICA (CONSOLIDADA)	(1)
2016.2	
FUNDAMENTOS DE QUÍMICA (CONSOLIDADA)	(1)
QUÍMICA DOS COMPOSTOS ORGÂNICOS I (CONSOLIDADA)	(1)
2017.1	
CÁLCULO I (CONSOLIDADA)	(1)
QUÍMICA ANALÍTICA (CONSOLIDADA)	(1)
VETORES E GEOMETRIA ANALÍTICA (CONSOLIDADA)	(1)
2017.2	
FUNDAMENTOS DE FÍSICO-QUÍMICA (CONSOLIDADA)	(1)
QUÍMICA DOS COMPOSTOS ORGÂNICOS I (CONSOLIDADA)	(1)
QUÍMICA INORGÂNICA I (CONSOLIDADA)	(1)
2018.1	
CÁLCULO II (CONSOLIDADA)	(1)
QUÍMICA DOS COMPOSTOS ORGÂNICOS II (CONSOLIDADA)	(1)

Perguntei tanto o que é ser professor, e o que é ser professora de química?

Quando olhava para os Cálculos

Chegava em casa e contemplava a rua

Mais ainda eu perguntava: a minha casa tem Ciência?

Cadê os limites, as derivadas e integrais?
 Olhava para o armário nada de produtos naturais
 Mainha fazendo comida só conseguia dizer, mãe cozinhar também é química
 O problema é movimentar os mecanismos de reações para minha vida
 Deu foi babado, existem mais métodos de separação entre a ciência e minha família
 Do ingressar em 2015 até 2019 desejava encontrar um docente para expressar minha angústia:
 Eu não sei o que é ciência
 Não sei o que é a ciência química
 Por isso peço vosso auxílio professores para apontar o caminho
 Não desejo sair com insegurança da ciência que escolhi
 Pois todo ensino não compete só a mim

Marcando a UFS com minha trajetória, pelos passos dos meus pais, meus amigos e amigas, meus vizinhos de vila, pelas professoras e professores sempre guardo comigo, jamais desistir.

IR AO ENCONTRO DE PROFESSORES(A) E ALUNOS(A)
--

<p>O Professor - Disciplina Compostos Orgânicos I</p>	<p>Fui ao encontro desse professor no desespero pois já tinha reprovado uma vez nesta disciplina, e na ousadia fiz minha fala produzir uma tentativa de ser vista e ouvida; "<i>Professor eu não sou inteligente, não sei o que estou fazendo mais aqui.</i>" Ele me acolheu e me orientou a permanecer.</p>
<p>Aluna que fez Transferência Interna</p>	<p>Foi através da participação como fiscal para a Olimpíada de Química ensino médio, que fiz parceria na sala com essa aluna, e no final ela contou toda sua história, e a realidade como era parecida as nossas dificuldades e estava temerosa de tomar uma atitude para fazer transferência interna, então ela disse: <i>Quando fiz a transferência para Química Licenciatura a minha vida mudou.</i> Chama de esperança!</p>
<p>O Professor - Disciplina Optativa História e Episte-</p>	<p>Informei ao professor, que não tinha visto filosofia no ensino médio. E cheia de inda-</p>

mologia da Química	gações eu escrevi uma carta com tema: A química reflete?
A Professora - Disciplina Metodologia para Ensino de Química	Essa é a Professora que me permitiu sentir bem na sala, de deixar inquieta com suas perguntas. Foi com ela que senti que podia perguntar e ser ouvida, e ter um vínculo docente.
Aluno que apresentou o PIBID	Nos dias finais para encerrar o edital de transferência interna, eu resolvi junto com minha amiga escolha da Química Licenciatura, foi na primeira disciplina de ensino que fui acolhida pelo aluno e apresentou o PIBID, deu todo o suporte para não perder o cadastro reserva. Segunda chama de esperança.

Encruzilhada de esperança e empoderamento

Com a oportunidade de participar pela primeira vez de um programa que oferecia um maior engajamento no curso e, também fornecia uma bolsa de quatrocentos reais. Para muito pode parecer pouco, mas para quem vem da realidade que eu vivo faz uma diferença enorme. No PIBID eu tinha que escrever muito, pois havia relatórios de cada ação desenvolvida, das dificuldades, dos êxitos e das experiências vivenciadas. Confesso que encontrei muitas dificuldades em escrever, nem sabia o que significava um resumo para evento, muito menos o que era um *template*, seguir normas e orientações. Eu não entendia o que a professora coordenadora do PIBID estava querendo. Foi muito difícil para mim, muita angústia e sofrimento por tomar consciência de minhas limitações, carências, dificuldades e isolamento.

Mas sempre há outras possibilidades e, neste caso, vi na ementa de uma disciplina de Tópicos Especiais que seria abordado a questão da redação científica. Então, rapidamente me matriculei nesta disciplina como forma de suprir minhas carências na escrita. Porém, ao iniciar as aulas tinha a impressão que quanto mais o professor falava, apresentava os exemplos menos eu compreendia e a angústia e frustração só aumentava. Parecia que nada era para mim, não me identificava com os temas, os textos e os exemplos. Tudo muito distante da minha realidade. Eu não lembrava mais de oração, concordância, frase, argumentos, contra-argumentos e coesão. Deste modo, não conseguia interagir na aula, eu saía carregada de informações e reflexões, mas continuava sem

saber escrever, não havia inspiração e vontade e pior, vou reprovar numa disciplina optativa.

Mas, quando o professor apresentou a proposta da última avaliação: fazer uma produção textual com base em duas obras, de duas escritoras negras tive a impressão que aquilo foi um chamado, pois as obras foram escritas para mim, eu pude sentir cada palavra enquanto lia os textos. Sabia que elas estavam falando para mim. As duas obras eram: Quarto de despejo (Carolina de Jesus) e Becos da memória (Conceição Evaristo). São duas obras escritas em tempos diferentes, mas que tinham algo a me contar.

Comecei a leitura por Quarto de despejo, livro que o professor disponibilizou uma versão antiga digitalizada; já o livro Becos da Memória, tinha que comprar o livro. Foi gratificante a obra de Carolina Maria de Jesus, pois senti as realidades diárias de minha comunidade: Cidade e seus bairros. A inspiração veio tão forte que em qualquer lugar e situação vinha a vontade de escrever, pois lendo os retratos do povo favelado que pelas mesmas necessidades também são o meu povo, a fome, a vida, estrutura das famílias, os vizinhos, as oportunidades distantes e ao mesmo dentro da favela uma mulher que faz da vida seu livro, seu escrito. Assim que terminei a leitura eu corri para os braços de minha mãe, foi o melhor encontro. Comecei a entender a história de minha família, a investigar as origens da minha família. Compartilhei da leitura com minhas amigas e, a partir desse encontro com minha ancestralidade é que fui entendendo as realidades da minha cidade.

O fazer memória é ter vida. Com a leitura do livro Becos da memória, eu entendi entre a ficção e o real, entendi que poderia escrever a vida com liberdade. Eu recordei das falas de minha mãe já adormecida pelo desconto. Minha mãe incentivou a leitura da Bíblia e como fazer a leitura da Bíblia. Contava as histórias, brincava com a gente, ensinou os números e o alfabeto em inglês, na época o seu estudo estava incompleto. Recordo dos meus tempos de escola, quando o professor de redação pedia para escrevermos cartas e colocar no correio. Eu me perguntava, para quem vou escrever? As pessoas que eu conheço moram em povoados, locais em que os correios não chegam. Minha mãe então me dizia: escreva para seus professores e só me lembrava que entre lágrimas ela dizia: agarre a Educação com suas duas mãos filha! É tudo que temos para oferecer.

Bem, empoderada após a leitura dos dois livros consegui finalizar minha primeira produção textual, que teve como título: (COM)POSIÇÃO DE UMA NOVA E BELA FAVELA. Foi um processo de desco-

berta em que permeando entres as duas obras, percebi que sou uma favelada, lutando pela liberdade do meu povo. No enredo deste texto apresento a realidade dos bairros favelados, chamo de sistemas favelais. Deixo aqui um recorte dessa produção em três poemas marcado pelo encontro e pós-escrita. Para mim isso foi tão marcante que tive a ousadia de inscrever o texto para um evento, no qual tive a ousadia de apresentá-lo. O evento foi o 11º COPENE - Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros e Negras: Escrevivências.

Empoderamento Textual

Após este evento, escrever se torna algo libertador para mim. As palavras vinham com força e eu me permiti escrever alguns textos, os quais gostaria de compartilhar com vocês.

(COM)POSIÇÃO DE UMA NOVA E BELA FAVELA

Catar, escolher, comprar
Salsicha, linguiça
É o que dar para comprar
Cato papel
Cato uns ferros
Cato as lágrimas
Que a vida dar
Tonteando passo nas esquinas
Amarela vou ficando vendo meus filhos gritar
Mãe! Cadê a comida
A FOME vai nos matar!
NÃO aguento mais catar dinheiro
Não aguento mais escolher o que comprar
Fi das pé dos governantes
Nos larga nos quintais
Dos ricos matando os pobres
Controlando o sistema alimentar.
Realidade bem perversa
Ainda viver assim
O povo sofrer assim
Com dinheiro miudin.
De quem é a culpa Professora?
Se preto não sabe votar
Se pobre ainda se vende

Por um real de fubá.
Quantos pais lutam
E quantos pais sem lutar
Quantas mães com muitos filhos
E quantos filhos sem mamar.
Quem é esse, e quem é essa?
Que podem nos ensinar a votar?
Por que nossas almas não se abrem para amar?

Quando começamos a abrir um livro ainda permanecemos noutra vida, mas quando as páginas correm já não dá mais para voltar à vida de antes. Um interior chama-me a enraizar minha história. Escrever é tanta inspiração que ignorá-la é perda de tempo. Uns doutos neste país escrevem sobre a vida das coisas vazias, no entanto meu espírito aperta meu coração para escrever a vida real. Escrever a vida sem limitação, sem licitação, sem emenda parlamentar, sem fiscalização, vocês não podem roubar, o papel e caneta do meu coração.

Poesia é Vida
Celebrada melhor ainda
Entre amigos e família
De iguaria seria, que as palavras ditas
Tenham valentia e serventia
Pois de AMOR morreriam tanto os ricos como os pobres
Se unissem suas vidas para um ponteiro maior,
De uma vida fidedigna
Pois o Amor é o laço maior.

Minha vida, inspirada na vida descrita em Quarto de Despejo nos Becos da Memória, Laira Paloma Santos Nascimento, a mulher, negra, filha, educadora ambiental, universitária- em formação para docência, futura professora da Ciência Química (discente \rightleftharpoons docente).

A CARTA QUE FALA

Precisamos de mulheres no mundo: Administrando, negociando, engenhariando, formando, comunicando, com os seus serviços, habilidades e Artes.
Mulheres Ciênciando a sua própria vida
Mulheres Exatas, Sociais, Humanas.
Mulheres de Produção dos seus talentos e dons;

Mulheres que precisam da Saúde e do Bem-Estar;
Precisamos de mulheres nas Ciências,
Precisamos de mulheres na Educação,
Precisamos de mulheres na Presidência da República Federativa do
nosso Brasil
Precisamos mulheres de suas reações, relações e transformações,
Precisamos mulheres que pensem, que sonhem não em seus quartos,
escondidas, porém sendo sociedade.
Precisamos mulheres das tuas cores, dos seus sorrisos, das TPM
também;
Precisamos de homens neste mundo chamado mulher
O homem da verdade que ame, respeite as mulheres que convivem!
Alô mulheres nas Aldeias, nas Favelas, nos Bairros, nos Povoados e
Comunidades... Precisamos de Tua Participação Mulher mais Moças,
mais Meninas, mais Mães, mais Mestras, Mais Doutoradas...
Agora repare! Uma sociedade que cala nossas vozes, que apaga nossos
passos, que torna o vermelho vivo em invisível é uma sociedade ao
mesmo tempo débil e opressora.
Eu quero minhas oportunidades: De Unidade, De Lealdade, De Honra,
De Esperança
Eu quero dançar com o meu povo: A liberdade é feminina
“Presa de Ficção”.

Este poema foi produzido e inspirado pelo Minicurso do
COPENE, que participei pela primeira vez de forma remota devido a
pandemia. A minha professora, coordenadora do PIBID que ainda faço
parte apresentou esse congresso, que para mim era totalmente
desconhecido e para minha surpresa abertura da conferência foi com
Conceição Evaristo, de resumo que vivi nesse congresso eu me alimentei
da cultura, ciência negra.

Agora percebi o quanto fui usada
Um objeto para homens brancos educados
Um pedaço do meu corpo deixávamos tão atizados
Que vieram a mim babando, com papos, com galas,
Com seus contos ilusionistas de um Brasil fervilhante
Foram abrindo minhas vontades para me seduzir
Sonhei até que cada um de “ôces” gostavam de mim
Só que a Bela Presa ainda de cabelo liso chapado
Presa fácil dos sistemas, ainda não pensava direito

Mas mesmo assim, nem os feitiços dos beijos dos homens brancos
Não a fez entregar nem o leite e nem o mel
E ainda no bordel a céu aberto
Eles foram embora e voltaram para sua branca mulher
O Secretário, homi branco, casado
Deitou comigo, e ele pensava: agora ela está no papo
Agora percebi que aquele homi branco de Igreja
Também deixou-me de lado
Os moleques brancos escolhendo mulheres brancas
Disseram outro conto, não sei, não sei
Não sei, minha bela como a noite
Tem algo em você que me chama e atrai
De covardia eles são cheios
Futucam depois correm para as capitais
Empurraram-me para o sistema marginais
Deixando em casa suas donas brancas
De cabelos, lisos, loiros, castanho, longos
Longo, tão longe, tão longo foi quando eu chorei
Sentindo fracasso do ser mulher,
desencanta das minhas emoções por ser mulher negra

O sistema fez olhar tanto para fora
E não para dentro de mim
O mergulhador deixou-me, ficou com duas brancas;
O administrador deixou-me e está noivo de sua branca
O advogado deixou-me, e se ajustou com sua primeira branca
O bombeiro da Força Aérea deixou-me para sua esposa branca
Eles saíram tão revoltados pelo tempo perdido comigo,
porque não introduziram seus egos de Encomendadores
O que eles não imaginam, é que as mulheres, as mulheres negras, pensam
sim!
Pensam com o corpo e com a alma.

Por fim, entrego essa escrevivência com o conselho que
Conceição Evaristo deixou para os congressistas. - Hampâté Bâ diz: nós
repetimos, esteja a escuta, tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos
comunicar conhecimento. Qual conselho dou aos jovens que querem
escrever- assunte a vida! Observe a vida, preste atenção, escute o menor
ruído, escute a fala das pessoas, preste atenção no gestual, no corpo, na
maneira de olhar, tudo é sinal.



Referências

SILVEIRA, Oliveira. Roteiro dos tantãs/ poesia. Porto Alegre: Edição do Autor, 1981.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. Edição Popular, 1963.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.